

FAMÍLIA MATRIFOCAL: A EXPERIÊNCIA DAS CRIANÇAS¹

Matrifocal family: a children's experience

Jacira da Silva Barbosa²

Sonia Maria Rocha Sampaio³

RESUMO

As crianças, como sujeitos e membros que compõem a família, sofrem conseqüências provenientes das mudanças que afetam a estrutura e a dinâmica das relações familiares. Interessado nessas mudanças, o presente estudo objetivou investigar a forma como as crianças de famílias matrifocais pobres vivenciam esta realidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e que considerou as crianças como atores sociais plenos e ativos. Foram realizadas entrevistas e aplicado, entre crianças atendidas numa instituição de serviços psicoterapêuticos, o instrumento Desenho de Família com Estórias (DF-E). Os resultados indicam uma distância entre a representação simbólica da família e a situação vivida pelas crianças e expõe as diversas dificuldades vivenciadas por esta forma singular de configuração familiar.

Palavras-chave: infância; família matrifocal; psicologia do desenvolvimento; teoria bioecológica do desenvolvimento humano.

ABSTRACT

Children, as subjects who constitute the family unit, are subject to the consequences of the changes that have been taking place in structure and dynamics of kinship relations. Focusing

¹ Artigo elaborado a partir da Dissertação de Mestrado *Família matrifocal: a perspectiva das crianças*, sob a orientação de Sonia Maria Rocha Sampaio, defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia

² Psicóloga, Assistente social. Especialista em Terapia Familiar. Mestra em Psicologia do Desenvolvimento – UFBA

³ Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre Universidade (UFBA)

on those changes, the present study aimed at investigating the way that children from matrifocal poor families have been dealing with this scenario. The study constitutes a qualitative research, based upon Bioecological Theory of Human Development, and took children as fully-fledged and active social actors. Interviews were conducted, as well as, among children taken into care by an institution for psychotherapeutic services, Walter Trinca's Drawing-Story technique was applied. Results suggest some distance between the symbolic representation of the family and the actual situation faced by the children. They also reveal several difficulties which this singular form of family configuration has to cope with in the daily life.

Key-words: Childhood; Matrifocal Family; Developmental Psychology; Bioecological Theory of Human Development.

Introdução

A família pode ser considerada como um tipo de grupo humano que desfruta de uma posição singular na organização da vida afetiva dos indivíduos e em que se identifica uma trama de relacionamentos, emoções e sentimentos. Romanelli (1997, apud Pratta & Santos, 2007) sustenta que a família é um *lugar privilegiado de afeto*, que se posiciona como uma instituição fundamental para desencadear os processos evolutivos dos indivíduos, atuando como propulsora ou inibidora do seu crescimento. Bronfenbrenner (2005/2011), por sua vez, concebe a família como “a estrutura mais eficiente e econômica para nutrir e sustentar a capacidade dos seres humanos, funcionando eficazmente em todos os aspectos da atividade humana, intelectual, social, emocional e fisiológica (p.266)”.

É no interior das contradições vivenciadas pelas sociedades que a família vive e se modifica. A partir das transformações estruturais, tornam-se notáveis, ao longo do tempo, as

alterações em algumas das funções da família. No mundo contemporâneo, o tradicional modelo nuclear-conjugal de família está em franco declínio e, com isso, diversas outras configurações familiares têm surgido. Diferentes padrões de institucionalização de relações afetivas e sexuais passaram a coexistir de maneira legítima, havendo hoje uma pluralidade de tipos de união e, conseqüentemente, formas alternativas de famílias. Essa realidade evidencia a fragmentação que ocorre no território familiar de forma ampla, decorrente de fenômenos sociais, demográficos, culturais, políticos e ideológicos, bem como da instabilidade e fluidez dos laços amorosos e da disseminação do individualismo. Esses fatores, quando associados, podem oferecer a falsa impressão de que as famílias estão desaparecendo, quando, de fato, demonstram sua enorme capacidade de adaptação e de mudança (Dessen & Braz, 2005; Carvalho & Almeida, 2003; Goldani, 2002).

Neste novo panorama, a família de progenitor único é um arranjo familiar cada vez mais comum. As três últimas décadas testemunharam um significativo crescimento desse fenômeno em todos os estratos sociais (Bronfenbrenner, 2005/2011; Vitale, 2002; Brown, 1995) e, conseqüentemente, o aumento de sua visibilidade social (Macedo, 2007). Esse crescimento deve-se, principalmente, ao incremento na quantidade de separações e divórcios em âmbito mundial, mas também têm sido registradas circunstâncias de abandono dos filhos por parte de um dos genitores e pelo fato de a mulher ser mãe solteira, por opção ou não. A expressão “*famílias monoparentais*” foi utilizada, segundo Nadine Lefaucheur (1991), na França, por sociólogas feministas, desde a metade dos anos setenta, para designar as unidades domésticas em que pessoas vivem sem cônjuge, com um ou vários filhos com menos de 25 anos e solteiros. Mas é importante sublinhar que as famílias monoparentais sempre existiram, ganhando maior visibilidade apenas nas últimas décadas e, por força das transformações que atingiram a condição feminina e os padrões familiares de classe média, a chefia feminina de grupos domésticos deixou de ser algo restrito

às camadas pobres (Woortmann, & Woortmann, 2004). Quando se trata de famílias pobres, a monoparentalidade pode ser uma dificuldade a mais que sobrecarrega, na maior parte dos casos, a figura feminina. Para as mulheres dessas famílias *matrifocais*, o custo e a desvantagem social parecem ser maiores, pois elas enfrentam o duplo desafio de cuidar e prover a prole, num contexto em que, muitas vezes, as adversidades exigem um esforço contínuo de compatibilizar as demandas que sua posição de mãe sozinha lhe impõe.

A matrifocalidade é geralmente associada às condições de vida mais difíceis, do ponto de vista material – recursos da família, *habitat*, etc, e/ou do ponto de vista social ou mesmo psicológico – o isolamento da mãe, o assumir sozinha o papel parental em termos afetivos, financeiros ou de organização familiar. Há relatos na literatura (Falceto *et al.*, 2008; Dessen & Braz, 2005; Algava *et al.*, 2005; Di Nicola, 2003; Vitale, 2002) de que ocorrem, nas famílias de progenitor único, sérios problemas de ordem financeira e emocional que podem afetar, significativamente, o desenvolvimento infantil. Amato (1995, *apud* Montandon, 2001) afirma que crianças de famílias monoparentais possuem relativa desvantagem quando comparadas a outras configurações familiares. Destaca, no entanto, em seguida, que esta desvantagem não é um fenômeno universal, o qual varia segundo o contexto em que vivem as crianças, ideia que também é propalada pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (doravante TBDH).

Crianças e TBDH: breves considerações

A TBDH, criada por Urie Bronfenbrenner (1917-2005), reconhece as crianças como “pessoas em desenvolvimento”, considerando esse desenvolvimento “no-contexto” e enfatizando as particularidades desenvolvimentais vivenciadas pelos meninos e pelas meninas. Sendo assim, o modelo bioecológico mostra-se útil à compreensão da influência dinâmica de múltiplos fatores no desenvolvimento da criança. O desenvolvimento psicológico

do sujeito nos seus primeiros anos de vida é, consoante Bronfenbrenner (2005/2011), impulsionado pelo seu envolvimento em padrões duradouros progressivamente mais complexos de interação recíproca com pessoas com quem estabeleceu um apego emocional mútuo e permanente. O estabelecimento deste apego emocional conduz à *internalização* das atividades e dos sentimentos de afeto expressados pelos pais. Assim, esta relação diádica, estabelecida entre a criança e seus pais, exerce poderosa influência na aprendizagem e no desenvolvimento, visto que a *díade* constitui um contexto crítico para o crescimento e também porque ela atua como bloco construtor básico do microsistema. Nesta fase da vida os pais atuam como os principais cuidadores e fonte de apoio emocional dos filhos, mas a possibilidade de eles apresentarem um desempenho efetivo em seus papéis na educação da prole depende, na perspectiva bioecológica, dos estresses e dos apoios oriundos de outros ambientes que atuam, de forma sincrônica, no processo de desenvolvimento humano. A partir dos estudos estruturados com seus colaboradores, Bronfenbrenner constatou que o desenvolvimento ocorre no contexto de sistemas interligados, que vão do micro ao macrosistema. Nessa perspectiva, as capacidades humanas e sua realização dependem, em grau significativo, do contexto social e institucional mais amplo. O *contexto* do desenvolvimento é definido como níveis ou sistemas entrelaçados, interdependentes e dinâmicos: microsistema, messosistema, exossistema e macrosistema.

Neste modelo o *microsistema* é o contexto imediato de desenvolvimento e Bronfenbrenner (1979/1996) o define como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais *experienciados* pela pessoa nos contextos nos quais estabelece relações face a face com suas características físicas e materiais. O microsistema familiar é o primeiro sistema no qual o ser humano em desenvolvimento interage. O *mesossistema* é o sistema de microsistemas e engloba as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa

está inserida e participa ativamente. Já o *exossistema* diz respeito a um ou mais ambientes que não envolvem o ser humano como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento. O *macrossistema*, por sua vez, se refere às consistências, na forma e conteúdo de sistemas de ordem inferior – micro, meso e exo – que existem, ou poderiam existir, no nível da subcultura ou da cultura como um todo. Além da cultura, este nível envolve as macroinstituições como o governo central e as políticas públicas. O macrossistema influencia a natureza das interações de todos os outros níveis da estrutura da bioecologia do desenvolvimento humano. Os múltiplos elementos do todo social influenciam e são influenciados pelo contexto de desenvolvimento da família.

Esta concepção integrada do desenvolvimento contempla ainda a possibilidade da interferência, na dinâmica familiar, de mudanças previsíveis ou imprevisíveis, como é o caso dos rompimentos, abandonos e mortes, que levam à situação de monoparentalidade. Bronfenbrenner (2005/2011) salienta que o incremento na proporção da monoparentalidade é uma mudança que, juntamente com as consequências sociais das alterações na estrutura e no papel da família, têm alguma incidência sobre o desenvolvimento da criança. O autor afirma que nem sempre a separação ou famílias uniparentais comprometem o desenvolvimento futuro dos filhos. Em alguns casos, esses modelos de família levam a novos relacionamentos e estruturas que possibilitam uma mudança construtiva no curso do desenvolvimento infantil. Mas uma avaliação feita pelo autor em pesquisas com famílias de grupos culturais e classes sociais diversas, revela que a ausência completa e/ou provisória do pai traz resultados deletérios no desenvolvimento psicológico da criança. Bronfenbrenner, contudo, concluirá, através de estudos posteriores, que nem todas as famílias de pais solteiros manifestam relações e efeitos disruptivos sobre o desenvolvimento da prole, pois quando a criança, a mãe

ou o pai sozinhos recebem apoio de outros adultos e também assistência de profissionais e/ou de instituições, as crianças de pais solteiros ou separados ficam menos propensas a experienciar problemas de desenvolvimento humano.

Ao mesmo tempo em que considera o contexto mais amplo como primordial para o desenvolvimento infantil, Bronfenbrenner considera a criança enquanto *sujeito* nesse processo que tem seu princípio no microsistema familiar. Nesta perspectiva, a TBDH concebe a criança como ser ativo, uma vez que a sua participação nos processos de interação ao longo do tempo gera a capacidade, a motivação, o conhecimento e a habilidade para exercer essas atividades com outras pessoas e consigo mesma. Desta forma, o desenvolvimento infantil ocorre conforme a criança se envolve ativamente com o ambiente físico e social no qual está inserida, assim como ela o compreende e o interpreta (Martins & Szymanski, 2004).

Entretanto, apesar do consenso atual sobre a criança como agente, ainda são poucos os estudos que se dirigem à própria criança como fonte de dados descritivos a respeito da família, pois, na maior parte das pesquisas, a mãe é a pessoa mais investigada (Carvalho *et al.*, 2010). No âmbito da psicologia, encontramos poucos estudos sistematizados acerca das diferentes formas de configurações familiares e seus contextos, sendo raras as investigações que abordam sua funcionalidade e implicações para o desenvolvimento da criança. Nos estudos psicológicos há, de forma geral, uma tendência a tratar as questões do desenvolvimento humano a partir da ótica dos adultos e, assim, a criança acaba como um ser passivo nas investigações. Estudiosos do desenvolvimento infantil falam *sobre* as crianças, sem considerar seu ponto de vista, experiência e cultura construída com seus coetâneos (Sarmiento & Gouveia *et al.*, 2008; Cruz *et al.*, 2008). Assim, ganha relevo um estudo que focalize a vivência de meninos e meninas, a partir de sua própria perspectiva, acerca de suas experiências e significações por eles atribuídas às suas famílias. O *objetivo principal* desta

pesquisa foi conhecer e caracterizar a vivência e significados de família das crianças de lares matrifocais, identificando suas expectativas de família.

Método

A questão de pesquisa e os objetivos definidos neste estudo exigem uma compreensão dinâmica e sistêmica, compatível com a investigação qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador e, neste processo, esta investigação reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos.

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada no COFAM (Centro de Orientação Familiar), situado em Salvador, Bahia, onde a primeira autora atua no acolhimento, triagem, encaminhamento e atendimento de pessoas que utilizam os serviços em busca de atendimento psicológico para si, seus filhos e/ou para suas famílias. O COFAM é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 1980, formada por profissionais voluntários e que oferece tratamento especializado em psicoterapia individual e em terapia familiar e de casal a pessoas e a famílias pobres.

Participantes

Conforme o item III da Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de 10 de outubro de 1996, *Aspectos Éticos da Pesquisa envolvendo Seres Humanos*, § 1, sobre o consentimento livre e esclarecido da população-alvo, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). As crianças também foram informadas acerca da investigação em causa, e, posteriormente, indagadas se desejavam ou não participar da pesquisa. Os sujeitos desse estudo foram definidos por conveniência e selecionados dentre a clientela que busca apoio

psicológico para seus filhos e/ou sua família, por iniciativa própria ou de terceiros. As participantes foram 5 crianças (Tabela 1) e suas respectivas mães que, pela primeira vez, tiveram contato com uma profissional de psicologia. Os dados foram coletados na fase de Triagem, procedimento adotado com o objetivo de acolher a demanda e fazer os devidos encaminhamentos dentro dos serviços terapêuticos disponíveis na instituição. Após a coleta dos dados, as mães e as crianças foram encaminhadas para o atendimento terapêutico propriamente dito.

Tabela 1: Resumo dos dados biográficos das crianças participantes

Nome fictício / idade	Escolaridade	Família	Motivo do encaminhamento
Júlio, 7 anos	2ª série	Mãe, 44 anos, doméstica. 4 meios-irmãos maiores. Morou com o pai até os dois anos.	“Não aprende a ler”
Silvio, 11 anos	2ª série	Mãe, 27 anos, diarista. Uma meia-irmã, 6 anos. Morou com o pai até os 3 anos e dos 6 aos 9.	“Não quer obedecer, não quer estudar, está mentindo”
Débora, 11 anos	5ª série	Mãe, 32 anos, dona de casa. Irmã caçula. Morou com pai até os 9 anos.	“Irmã desobediente e mente muito”
Leila, 11 anos	4ª série	Mãe, 29 anos, dona de casa. 3 meias-irmãs. Morou com o pai até os 3 anos.	“Criança dá muito trabalho, apronta muito”. Agressividade
Alice, 10 anos	4ª série	Mãe, 43 anos, professora. Morou com pai até os 4 anos.	Criança “não obedece, teimosia”. Dificuldade relação mãe-filha

Fonte: COFAM, 2011 - 2012

Instrumentos e Procedimentos de Coleta e análise de Dados

Os dados foram coletados em duas etapas: a primeira consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de conhecer o motivo da busca por atendimento psicológico, a realidade familiar, bem como observar a interação mãe-criança(s). Na segunda etapa foi feita uma entrevista individual com a mãe e outra com a criança. Em seguida foi aplicado, individualmente a cada criança, o Desenho de Família com Estórias (DF-E), criado por Walter Trinca (1997), instrumento que revela a experiência da criança sobre a vida familiar. Foi solicitada a elaboração de uma série de quatro desenhos de família, com uma instrução definida pelo autor e uma ordem regular no processo de aplicação, que são as seguintes: desenho de uma família qualquer; desenho de uma família que gostaria de ter; desenho de uma família onde alguém não está bem; desenho de sua própria família. A cada desenho se seguiu o relato de uma história contada oralmente pela criança, um “inquérito” e, por fim, o título. O “inquérito” destina-se à obtenção de esclarecimentos e novas associações gráfico-verbais no sentido de ampliar as informações transmitidas nas histórias. Vale destacar que o DF-E não foi aqui utilizado com fim diagnóstico, e sim como veículo de comunicação que favorece a expressão e narrativa dos meninos e meninas acerca de seu cenário familiar.

Os dados obtidos nas entrevistas e nos desenhos-estórias foram gravados em equipamento digital, transcritos e, posteriormente, foram examinados através de análise de conteúdo, orientada pelos objetivos da pesquisa. O tratamento do material coletado deu-se, inicialmente, a partir da leitura flutuante das entrevistas e, a seguir, por uma análise dos desenhos das famílias com histórias, levantando os temas que se apresentaram, agregando-as a algumas questões do roteiro de avaliação proposto por Trinca (2003) e Lima (1997, apud Trinca & Tardivo, 2003) para o procedimento de DF-E. Nos DF-E foi observado o que as crianças comunicavam sobre a dinâmica das famílias, as figuras reproduzidas e/ou ausentes, o

tamanho das famílias, as figuras desenhadas em primeiro lugar, os desejos e as necessidades expressas.

Resultados e discussão

O contexto de desenvolvimento

Para discutir a experiência das crianças, é necessário, primeiro, compreender o funcionamento de suas famílias, observando contexto, tempo e condições de vulnerabilidade, a partir da TBDH. As entrevistas realizadas com as mães corroboraram dados da literatura no que se refere à sobrecarga que recai sobre a mulher no interior de um *microsistema* familiar quando esta vive uma situação monoparental. Elas ressaltam o enfrentamento de uma somatória de problemas e de transformações que ultrapassam e, ao mesmo tempo, são agravadas pela condição de pobreza a que estão submetidas. A análise dos resultados obtidos nesta pesquisa expõe uma realidade socioeconômica difícil, com apenas uma das mães inserida no mercado formal de trabalho e três delas com escolaridade inferior ao ensino médio. Foram relatados diversos eventos estressores que influenciam a convivência familiar, como o desemprego, a violência intrafamiliar promovida pelo genitor quando este habitava no ambiente doméstico e também por parte de três das mães na lida diária com a prole. Além disso, foi registrado o alcoolismo por parte dos pais de três das crianças estudadas, o que provocava inúmeros conflitos no cenário familiar. Eventos estressores como esses podem ser indicadores de risco, que predisõem as famílias à vivência de situações que podem desencadear doenças ou conflitos familiares, a depender da duração, frequência, intensidade e severidade do risco (De Antoni *et al.*, 2006).

O relato das mulheres também traz à tona os problemas que as famílias uniparentais enfrentam e que estão relacionados à dificuldade em disciplinar, controlar e educar os filhos, num momento em que há perdas e dificuldades tanto afetivas quanto materiais. Como afirma Brown (1995), a ausência do pai, além de deixar uma lacuna na hierarquia familiar, coloca

uma exigência incrível nos recursos da figura parental remanescente. Nessa mesma direção, Di Nicola (2003) salienta que, quando isolada e com poucos recursos, a mãe sozinha também pode ser empobrecida instrumentalmente, e tende a ficar mais cansada e a ser mais capacitada a dar afeto do que limite e disciplina.

A ausência da participação e do apoio da figura paterna no cuidado e educação dos filhos é outro fato recorrente no discurso das mães. Quatro delas afirmaram que os pais de suas crianças não tinham participação relevante no exercício da paternidade enquanto conviviam: “*Eu já era sozinha mesmo com ele morando em casa*”, diz uma das mulheres. Sendo assim, a ruptura do relacionamento conjugal só agravou esse afastamento. Essa ausência paterna na vida da prole após a separação conjugal e até mesmo o total abandono da função parental, tem registro frequente na literatura que aborda o tema (Hack & Ramires, 2010; Pereira & Silva, 2006; Thurler, 2006 e 2004). Em muitos casos os pais, além de considerarem as mulheres como “ex”, passam a enquadrar suas crianças na categoria de “*ex-filhos*” (Dantas *et al.*, 2004 apud Hack & Ramires, 2010), o que pode produzir efeitos diversos sobre a prole. Em nossa pesquisa, apenas os pais de duas das meninas cumprem o papel de provedor, pagando a pensão alimentícia das filhas com regularidade. Porém somente o pai de uma delas mantém contato, por telefone, com a filha.

Sem a participação efetiva e afetiva dos pais dos meninos e das meninas, as mães estudadas precisam decidir sozinhas tudo o que se refere à educação, cuidado e subsistência de suas crianças. “*Eu decido tudo*”, afirma uma delas ao informar que não conta com os pais de nenhum de seus filhos no exercício da parentalidade, o que contribui para agravar as privações a que estão sujeitas ela e sua prole. De forma geral, esse estar sozinha nos cuidados parentais das mães pode se revelar como um desafio dentro do contexto ecológico mais imediato, o que também pode afetar o desenvolvimento infantil.

Na dinâmica interacional destas famílias também foi observada, no que concerne às práticas educativas e aos estilos parentais, a existência de problemas de comunicação entre mães e filhos de forma geral; de disciplina inconsistente e sem eficiência, com atitudes punitivas por parte das mães, principalmente no caso de três das crianças. Esta gama de questões indica a necessidade e importância de uma rede de apoio que possa contribuir com estas famílias para o enfrentamento de uma série de condições desafiantes para o desenvolvimento humano.

O *mesossistema* inclui os vínculos e as inter-relações entre a família e os outros ambientes em que a pessoa em desenvolvimento se movimenta. Essa rede de apoio parece funcionar como um *fator de proteção* diante do enfrentamento das adversidades presentes na vida das famílias foco desta análise. As conexões entre casa e escola estão presentes no universo de todas as crianças. Além disso, observou-se a presença de uma rede diferenciada de apoio para cada família em estudo, sendo que a colaboração é, predominantemente, na esfera do cuidado. Contudo apenas uma das mulheres conta com apoio regular de parentes na vida diária com as crianças. Nos demais casos elas ficam sozinhas em algum período do dia, notadamente quando não estão na escola. Quando nos referimos ao *exossistema*, ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento não está presente, mas cujas decisões influenciam a sua vida, encontramos, na conjuntura das famílias em estudo, como área que é origem de grande estresse para as mulheres, os problemas financeiros decorrentes dos baixos salários, do desemprego e da fragilidade dos vínculos de trabalho. O local e as condições de trabalho dos pais também podem gerar tensão nas relações familiares e é o que acontece no caso de uma das meninas, quando, ao falar da sua convivência com sua mãe, declara que “*os meninos da escola deixam ela muito agitada e com raiva e ela desconta tudo em mim.*” Na análise do *macrossistema*, observamos a influência das crenças, dos valores e dos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais nas relações familiares. Assim podemos apontar a

naturalização e a banalização da violência, o machismo, as baixas escolaridade e qualificação profissional, a deficiência de políticas sociais e públicas verificada, por exemplo, na área de assistência à infância e também na falta de planejamento familiar, em quatro das cinco famílias estudadas, além da pobreza. A situação precária em que vivem as famílias, com baixos salários e poucos recursos, afeta diretamente o desenvolvimento das crianças.

A experiência das crianças

- *O significado de famílias para as crianças*

Por meio da análise dos Desenhos de Família com Estórias, observou-se que quatro das cinco crianças conceituaram a família de forma tradicional uma vez que os desenhos apresentam a tendência na representação do microsistema familiar como formado por pai, mãe e filhos, ainda que as crianças autoras dos desenhos morem apenas com a mãe, de forma consolidada, já há alguns anos. O modelo de família tradicional está internalizado, independentemente da idade das participantes e do tempo que conviveram com os pais sob o mesmo teto. Esta representação de família nuclear como padrão de arranjo familiar, constatada nos DF-E, embora não faça parte da realidade vivenciada por elas, pode ser encontrada também em outros estudos como, por exemplo, em Polli e Arpini (2010). A representação de *família matrifocal*, realidade das crianças aqui estudadas, foi vista em poucos desenhos, sendo que, na produção de uma das meninas, esta forma de família aparece em três das quatro consignas, com a mãe colocada como a figura principal. Esta criança vivencia dificuldades no relacionamento com o pai e foi preterida pelos parceiros de sua mãe, que prestavam algum tipo de assistência apenas a seus respectivos filhos biológicos, enquanto moravam no lar. Nesse caso específico, devemos também considerar as peculiaridades das dissoluções e sucessivas uniões de mulheres, o que torna a presença do homem/pai um

elemento transitório na família e como isso pode repercutir no desenvolvimento dos vínculos das crianças e nas relações familiares.

Além de ser predominantemente nuclear, a família também acaba por ser definida como um grupo de pessoas ligadas somente por laços genéticos, pois nenhuma das crianças incorporou, no seu microsistema, pessoas de outros círculos, como parentes, vizinhos ou amigos. Isto pode ser indicador da restrição da rede de solidariedade destas famílias, dado que contrasta com outros estudos com famílias pobres (Müller, 2010; Amazonas *et al.*, 2003; Vitale, 2002) que destacam a rede de parentesco e a vizinhança como importantes recursos para ajudar na manutenção da prole nesta camada social.

À exceção de um dos meninos, que percebe o padrão familiar pautado nos papéis tradicionais de pai/provedor e de mãe/dona de casa, as crianças concebem os pais como pessoas que precisam trabalhar, sendo necessário à mulher/mãe ir além do exercício das funções domésticas e de cuidado com os filhos. Um fator que antagoniza com a realidade dos participantes é a baixa incidência de divisões nos desenhos, apesar da alta ocorrência de fragmentação no microsistema familiar destes sujeitos. Na maior parte dos desenhos as pessoas da família estão ora muito próximas, ora ligadas umas às outras como se fossem uma entidade única, como é o caso de alguns desenhos das meninas, indicando uma forte coesão familiar.

- *O lugar da mãe no microsistema familiar*

O pai aparece na maior parte dos desenhos, mas a mãe está presente em todas as produções realizadas pelas crianças. Todavia, se considerarmos a posição por elas atribuída às figuras parentais, a mulher é aqui desenhada em primeiro lugar em poucos desenhos, o que lhe confere uma menor valorização, o que vai de encontro a outras pesquisas realizadas com crianças por Polli e Arpini (2010) e Amazonas *et al.* (2003), que apontam um maior

investimento na mãe quando comparada aos demais membros da família, uma vez que esta é desenhada em primeiro lugar ou consideravelmente maior que as demais figuras. A mãe foi desenhada em último lugar em seis dos vinte desenhos e menos ainda aparece o pai nessa mesma posição – apenas dois desenhos no total. O menino de 11 anos, Silvio, foi a criança que mais registrou a mãe como a última figura a ser colocada no cenário familiar – três dos quatro desenhos, atribuindo, assim, maior importância a si próprio, à irmã e ao pai ausente. Talvez tenhamos aqui uma questão de gênero ou de identificação com o sexo masculino. Outra possibilidade seria o fato de este lugar destinado à mãe por este garoto guardar relação com as dificuldades constatadas na convivência entre eles. Além do abandono que vive por parte dos pais, o garoto declara a forma diferenciada como a mãe trata os filhos, o que cria atritos na relação dos irmãos.

O conflito na relação mãe-criança também é visto, de forma marcante, na experiência familiar de uma das meninas, também de 11 anos. Mas essa criança, ao contrário de Silvio, posiciona a mãe como figura principal em três dos quatro desenhos. Embora afirme ter um bom relacionamento com a mãe, Leila é frequentemente vítima de violência física por parte da genitora, além de conviver com a ameaça constante de ser enviada novamente para a casa do pai, experiência que a menina afirma não querer repetir em função dos sofrimentos que lhe trouxe. No caso específico de Silvio e Leila, parece existir o que Sousa (2006) chama de pluralidade de práticas que evidenciam como os adultos desistem dos seus filhos, quando seus respectivos pais não exercem a função paterna, ficando alheios à vida da criança, e as mães, com quem residem, adotam diferentes práticas violentas em sua direção.

De qualquer forma, a mãe, em sua atuação como figura central pela sua condição de matrifocalidade, aparece, junto às crianças, como cuidadora e educadora dos filhos e como a pessoa que se ocupa de tudo na família, pois, além de cuidar dos filhos, trabalha tanto fora

quanto no interior do lar. Alice foi a única das participantes a expressar a necessidade de aprender a viver num lar somente com a mãe, o que constitui sua realidade familiar.

A ausência-presença do pai no ambiente familiar

O pai surge como mais marcante para as crianças desta pesquisa, pois é a primeira figura a ser desenhada em nove dos vinte desenhos, contra quatro das mães nesta mesma posição. Esta força paterna contrasta com a literatura, quando estudiosos que lidam com a temática de famílias populares, como Polli & Arpini (2010), Silva *et al.* (2007) e Amazonas *et al.* (2003), relatam que a figura do pai é pouco valorizada ou até esquecida, sendo representada pelas crianças como fragilizada, o que é decorrente de situações como desemprego, alcoolismo, uso de drogas, prisão e também pelo estabelecimento de vínculos frágeis com a família.

Embora nos casos aqui estudados quatro dos pais tenham sido apresentados como pessoas que atuavam, e ainda atuam, com atitudes violentas, indiferença e alheamento, com uso excessivo de álcool e/ou de forma ausente nas relações familiares e no cuidado da prole, é expressiva sua representação junto a três das crianças estudadas. No caso específico do menino mais novo e que menos conviveu com o pai, este é representado de forma mais marcante do que a mãe, que o cria sozinha desde os dois anos. No “inquérito” ele diz que “*sem o pai os filhos não era nada*”. Há mais de um ano o pai não mantém contato com Júlio, mas as histórias por ele construídas evidenciam a forte presença paterna para o menino. Em Silvio o pai também está presente em todos os desenhos, embora o relato da criança tenha revelado uma possível rejeição mútua na relação pai-filho. Entre as meninas, Débora foi a única a colocar a figura paterna em todos os desenhos. No caso dela, torna-se importante registrar uma imagem da figura paterna preservada, pois, de forma diferenciada das outras crianças que viveram situação similar, não menciona nas entrevistas, nem nos DF-E as

atitudes violentas do pai, apesar de testemunhar os momentos em que ele agredia fisicamente a mãe. Esta expressiva representação da figura paterna talvez se deva a uma idealização do pai, já que há indicadores da omissão das figuras paternas de suas funções parentais. Outra possibilidade seria um grande desejo das crianças de conviverem com seus pais no dia a dia familiar, sendo esta uma oportunidade para exercerem os papéis que lhes foram conferidos e que são importantes para o desenvolvimento infantil.

De forma geral, as expectativas de ordem afetiva e emocional estão entre as de primeira importância para os meninos e meninas analisados. As crianças, de forma unânime, manifestam a necessidade que têm de cuidado e proteção e, para isso, desejam uma família estruturada no formato nuclear, com a mãe, o pai e os filhos morando sob o mesmo teto. Esta família, no dizer das participantes, precisa ser *“alegre”, “feliz”, “unida”, “sem brigas”, “com entendimento, paz, harmonia e amor”*. Essa representação da família corresponde àquela disseminada pela cultura através, principalmente, da mídia, igrejas e escolas como sendo o formato ideal e que se torna, em todo lugar, importante para a consolidação de um imaginário que não leva em consideração o que é efetivamente vivenciado pelas crianças e por uma parcela da população, cada vez mais crescente.

Considerações Finais

As famílias matrifocais aqui estudadas apresentam uma situação de vida permeada por dificuldades que comprometem o atendimento das necessidades e cuidados dos filhos. Além da situação de pobreza na qual estão inseridas, contribuem para esta condição, a fragilidade do vínculo mantido com o pai das crianças e a escassez de políticas públicas direcionadas às famílias. De acordo com Bronfenbrenner (2005/2011) as políticas públicas exercem efeitos indiretos, reais e potenciais sobre os processos de desenvolvimento dos seres humanos. O autor também enfatiza a necessidade, por parte dos fazedores de políticas públicas, da

aquisição de conhecimentos e a compreensão de como essas políticas e as maneiras como elas são implementadas influenciam na capacidade das famílias, das escolas e de outros locais de socialização, de funcionarem como contextos de desenvolvimento humano. Além da ineficiência das políticas governamentais, o sistema de apoio frágil concernentes a parentes, amigos, vizinhos e também no que tange à comunidade repercute na unidade familiar, ocasionando estresse que as mães acabam por transferir para suas relações com os filhos e, quiçá, para seu ambiente social mais amplo. A unidade familiar encontra, desta forma, dificuldades para sobreviver e funcionar de forma satisfatória. Os problemas específicos da guarda de filhos e de conciliação da vida familiar e vida ocupacional são relatados como uma sobrecarga na realidade das mães, que estão numa fase do ciclo vital em que os filhos estão pequenos e em idade escolar, o que demanda maior disponibilidade dos pais. Tudo isso, de acordo com a TBDH, afeta o desempenho efetivo da mãe como principal cuidadora e fonte de apoio emocional de seus filhos e reduz a quantidade e a qualidade da interação mãe e filho.

No grupo familiar apoiado na relação mãe-filho, a mulher constitui a figura central e ocorre uma redefinição das relações de autoridade na família, a partir da ausência do pai ou do enfraquecimento dos laços paternos. Em todas as situações das crianças, não foram mencionadas outras figuras masculinas que assumissem esse papel. Porém, na perspectiva bioecológica, o par mãe e filhos (as) exige uma *terceira pessoa* para funcionar efetivamente. A ausência dessa pessoa ou o desempenho perturbador e/ou ineficiente, afeta o processo de desenvolvimento da prole. A assistência ativa do pai separado, para a criança e para a mãe, que contribui para neutralizar os efeitos do rompimento da relação conjugal junto aos filhos, não foi encontrada em nenhuma das situações estudadas. Neste contexto, o homem se desobriga das responsabilidades familiares a partir do desenvolvimento de laços mais tênues e menores compromissos na manutenção econômica do domicílio e da criação dos filhos. O enfraquecimento e a deserção

da figura paterna ressaltam o poder arbitrário do homem de suspender, a qualquer tempo, o reconhecimento social e afetivo das crianças.

A violência sofrida no seio da família, acrescida da experiência não-normativa da separação dos pais, do impacto cumulativo de outros fatores psicossociais – como a pobreza, o crescimento das tensões vividas por suas mães e o afastamento do pai, causam algum abalo no comportamento e sobre o processo de desenvolvimento das crianças investigadas.

A experiência da criança neste cenário de pertencimento permite a construção do seu universo de sentido, a partir das situações que ali vivencia, o que fica evidenciado nesta pesquisa, pois, como afirma Sarti (2004), a família é a primeira instituição através da qual atribuímos significado ao mundo, um processo que se inicia ao nascer e se estende ao longo da vida. Assim, parece ser possível afirmar, a partir das histórias desenhadas e relatadas, que o ponto de vista das crianças traz elementos indispensáveis à compreensão de sua experiência e é importante levá-lo em consideração no âmbito das estruturas sociais e nos contextos particulares onde se movimentam como sujeitos-criança.

Para os meninos e meninas desta investigação, a família é um lugar em que pai e mãe cuidam dos filhos em união e de forma funcional, mesmo que este padrão não faça parte de sua realidade, já que reconhecem a vivência de situações não desejadas como a separação e algum tipo de conflito entre os pais, relatados pela maioria das crianças. As funções atribuídas ao pai e à mãe pelos meninos e meninas – como sustentar a família, cuidar, dar amor e educar, trazem, em parte, uma concepção própria da criança de como as figuras parentais devem atuar, o que, provavelmente, é reforçado pelas instituições sociais, principalmente a escola, a igreja, e outras estruturas disponíveis na comunidade. Nesses significados parece existir uma mistura de elementos que se referem à vida cotidiana e outros que estão relacionados à fantasia e ao desejo infantis, principalmente aqueles que correspondem à figura paterna.

Nesse aspecto, as meninas e os meninos indicam que o pai faz parte da identidade deles, assim como expressam o quanto querem e precisam de um relacionamento contínuo e de qualidade tanto com a figura paterna quanto com a materna. Ressaltam ainda que o pai permanece uma pessoa significativa, mesmo se não existe um contato sistemático entre eles.

Os resultados obtidos, junto às crianças que elegemos, são ricos em termos de conhecimento da infância e permitiram uma maior aproximação do seu mundo pelo estabelecimento de condições propícias e que favoreceram a sua expressão. Essa expressão, em seus diferentes formatos, é muitas vezes não reconhecida pelos profissionais ou pelas famílias e, podemos arriscar, pelo mundo adulto em geral. Nesses segmentos, prevalece a concepção dominante da criança como “aquele que não fala”, que “não tem querer”. No sentido inverso dessa concepção, o que obtivemos das crianças abre para sua própria realidade esquecida, a partir de sua própria ótica, que resulta de sua vida concreta no seio de sua família possível. O que disseram / expressaram fala, igualmente, desse mundo e dessa sociedade adulta onde suas vidas se fazem.

A partir do que foi observado neste estudo, sublinhamos a importância de proporcionar um espaço de escuta para a criança em que a expressão de suas experiências seja possível e bem acolhida. Esta conclusão destaca o valor da realização de pesquisa com crianças para conhecer como elas significam aspectos e elementos que integram o seu mundo e diferentes ambientes, e sobre os quais recai o interesse da psicologia. É fundamental e urgente reforçar a garantia dos direitos universais da infância; prover, a meninos e meninas, condições nas quais se sintam protegidos e estimulados a prosseguir em seu desenvolvimento como sujeitos. Da mesma forma, considerando o significado psicológico do ambiente posto em relevo pela abordagem ecológica, intencionamos contribuir com o desenvolvimento desse estudo para uma maior inserção da psicologia na pesquisa e na atuação junto às famílias,

especialmente aquelas que se estruturam em torno de mulheres sozinhas e que resultam em um contexto peculiar de desenvolvimento social e psicológico característico de muitas crianças contemporâneas. A psicologia alcança sua destinação política quando se disponibiliza para a escuta, acolhimento e orientação de populações vulneráveis e que, no cotidiano, recusam as condições de existência em que lhes foi dado viver. Não fosse assim, não buscariam atendimento em uma instituição dessa natureza e, tampouco disponibilizariam uma parcela de suas vidas para a pesquisa científica.

Referências

- Algava, E.; Le Minez, S.; Bressé, S. & Pla, A. (2005). *Études et Résultats In DREES - Direction de La Recherche des Études de L'Évaluation et des Statistiques Ministère de l'emploi*, Paris N° 389 Avril.
- Amazonas, M. C. I.; Damasceno, P. R.; Terto, L. de M. de S. & Silva, R. R. da. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, v. 8 número especial, 11-20.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S.K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano – tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2005).
- (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1979).

- Brown, F. H. (1995). A família pós-divórcio. In Carter, B. & McGoldrick, M. (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar*. (2ª ed.). (pp. 321 – 343). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, I. M. M. & Almeida, P. H. (2003). Família e proteção social. *São Paulo em perspectiva*, (17), 109-122.
- Carvalho, A. M. A.; Moreira, L. V. C. & Rabinovich, E. P. (2010 jul./set). Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. V.26. (3). 417 – 426.
- Cruz, S. (Org.). (2008). *A criança fala – A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez.
- De Antoni, C.; Barone, L. R. & Koller, S. (2006). Violência e pobreza: um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência familiar. In Dell’Aglío, D.D.; Koller, S.H. & Yunes, M.A.M.(Orgs.), *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*.(pp. 141-171). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2005). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In Dessen, M. A. & Costa Junior, Á. (Orgs.), *A Ciência do desenvolvimento humano*. (pp. 113 – 131). Porto Alegre: Artmed.
- & Polonia, A. da C. (2007, jan / abr). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17, (36), 21-32.
- Di Nicola, V. (2003, setembro). Uma psicologia para cada um. *Viver Psicologia*. 6 – 8.
- Falceto, O. G.; Fernandes, C. L.; Baratojo, C. & Giugliani, E. R. J. (2008, dez). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Saúde Pública*, v.42 (6). 1034 – 1040.

- Goldani, A. M. (2002, jan/jun). Família, gênero e políticas brasileiras nos anos 90 e seus direitos como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, (1). 29 – 48.
- Hack, S.M. P.K. & Ramires, V. R. R. (2010, jun). Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. *Psicologia Clínica*, v.22 (1), 85 – 97.
- Lefaucheur, N. (1991). Les familles dites monoparentales In Singly, F. de (Org.), *La famille l'état des saviors*. (pp. 67 -74). Paris: Éditions La Découverte.
- Macêdo, M. S.(2007). Gênero, família e chefia feminina: algumas questões para pensar In Borges, A. & Castro, M. G., (Orgs.), *Família, gênero e gerações – desafios para as políticas sociais*. (pp. 135 – 177). São Paulo: Paulinas, Coleção Família na Sociedade Contemporânea.
- Martins, E. & Szymanski, H. (jun, 2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, (1), 63 – 77.
- Montandon, C.(2001, março). Sociologia da infância – balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa*, (112), 33-60.
- Müller, F. (2010 Jan/Jun). Um estudo etnográfico sobre família a partir do ponto de vista das crianças. *Currículo sem fronteiras*. V. 10, (1). 246-264.
- Pereira, R. da C. & Silva, C. M. (2006 set/dez). Nem só de pão vive o homem, Dossiê Paternidade e Cidadania – *Sociedade e Estado*. vol.21 (3). 667- 680.
- Polli, R.G. & Arpini, D.M. (2010). O lugar da mãe e do pai no contexto familiar no olhar de crianças de grupos populares In Jornada Interdisciplinar em Saúde, Santa Maria – RS, disponível em www.unifra.breventos/js2010/trabalhos/29pd, acessado em 17/07/2011 .

- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007, maio/ago). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, (2), 247-256.
- Rocha, E. A. C. (2008). Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In Cruz, S. H.V. (Org.), *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. (pp. 43 – 51). São Paulo: Cortez.
- Sarmento, M. J. & Gouvea, M. C. S. de (Orgs.). (2008). *Estudos da Infância*. Petrópolis: Vozes.
- Sarti, C. A. (2004). A Família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, V. 15 (3), 11 – 28.
- Silva, M. A. M.; Melo, B. M. & Appolinário, A. P. (2007). A família tal como ela é nos desenhos de crianças. *Ruris*. V. 1 (1), 105 – 145.
- Sousa, A. M. B. de (2006). O sentido institucional de acolher: por uma Gestão do Cuidado com as crianças violentadas In Sousa, A. M. B. de; Vieira, A. & Lima, P. de M. (Orgs.), *Ética e gestão do cuidado: a infância em contextos de violências*. (pp. 21 – 46). Florianópolis: CED/UFSC;
- Thurler, A. L. (2006, set/dez). Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI? Dossiê Paternidade e Cidadania - *Sociedade e Estado*. Vol.21 (3) .681-707.
- (2004, jul/dez). Paternidade e deserção: Crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo. *Sociedade e Estado*, 19, 491-514.
- Trinca, W. (1997). Apresentação e aplicação. In Trinca, W. (Org.). *Formas de investigação clínica em psicologia*. (pp. 11 - 34). São Paulo: Vetor
- (2003). *Investigação Clínica da Personalidade*. (3ª ed). São Paulo: E.P.U.

- & Tardivo, L. S.L.P.C. (2003). Desenvolvimento do procedimento de Desenho-Estórias (D-E). In CUNHA, J. A. et al, *PsicodiagnósticoV*.(pp. 428 – 438) Porto Alegre: Artmed.
- Vitale, M. A. F. (2002). Famílias monoparentais: indagações. *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 71 Especial Famílias. Cortez, 45-79.
- Woortmann, K. & Woortmann, E. (2004). Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias. Série Antropologia 357. Brasília. Disponível em www.abep.nepo.unicamp.br/XIIIencontro/woortmann.pdf. Acessado em 31.01.2010.